

## RESUMO

### **Entre gritos e silêncios: estudos e considerações sobre a historiografia acerca da História da África no Brasil recente.**

*Moisés Corrêa Fonseca da Silva<sup>1</sup>*

A partir de 2003, a lei 10.639/03 tornou obrigatório o ensino de história da África e cultura afro-brasileira nas escolas. Este marco jurídico é fruto de diversos debates sócio-políticos que foram travados na sociedade brasileira por diferentes movimentos sociais, educadores, professores, intelectuais, entre outros. O impacto desta medida é enorme em termos pedagógicos, históricos; mas também epistemológicos. Por conta deste designo, a universidade no Brasil, produtora e transformadora dos futuros professores que atuarão no Ensino Básico, também passou por processos de reelaboração dos seus cursos. Os historiadores não ficaram de fora.

Por isto, objetiva-se tomar a historiografia como objeto de análise, desde 2003 até os dias atuais. À luz das propostas teórico-metodológicas do historiador Michel-Rolph Trouillot, as bibliografias das disciplinas dos cursos de graduação relacionadas à História da África e os artigos e teses dos maiores programas de Pós-Graduação em História do Brasil servirão de fontes para a elaboração da hipótese quanto à ruptura epistemológica dos estudos sobre História da África no Brasil.

Em primeira medida, aloca-se a análise no “tempo da produção do conhecimento”; ou seja, como as bibliografias, teses e artigos indicam lugares de fala de determinadas correntes teórico-metodológicas, que há muito foram silenciadas no Brasil. Com este, vem aliado o “tempo da historiografia” e de como ela foi se modificando ao longo dos anos, desde 2003, percebendo os seus usos e alterações nos cursos de graduação e na produção de novos trabalhos nos Programas de Pós Graduação em História. Para formar a tríade, elege-se o “tempo social”, marcado por possibilidades de gritos ao meio do silêncio fazendo com que a historiografia da História da África

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando do Mestrado em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2016.

ganhasse campo e corpo no país, além de se respaldar como produção do conhecimento perante os outros lugares de fala do conhecimento histórico.

Assim, a abordagem conjuga o tempo social do processo que proporcionou o uso dessas bibliografias e diferentes comportamentos historiográficos ao longo do tempo, desde 2003, com a produção do conhecimento. Isto se torna fulcral para que possamos perceber hipóteses e possibilidades de usos e trabalhos com fontes, teorias e autores que elaboram ideias acerca da História da África e como estes recentes trabalhos significam qualitativamente e quantitativamente para uma ruptura epistemológica na historiografia brasileira. Este processo poderá fazer emergir preocupação de como ainda se precisa trabalhar de forma mais apurada para que se conquiste uma amplitude mais significativa, diversa e transdisciplinar à História da África.